

TRADUÇÃO: ANTIGUIDADES RIO-GRANDENSES
TRANSLATION: ANTIQUITIES FROM RIO GRANDE DO SUL

August Kunert

Vol. XIII | n°25 | 2016 | ISSN 2316 8412



O substituto temporário do diretor da repartição etnológica do Museu Etnográfico, Senhor Grünwedel, encaminha com carta de 9 do corrente mês, a pedido do Dr. Fabri em Godesberg, relato do Senhor Kunert, pastor evangélico em Forromecco, município de São João do Monte negro, no Rio Grande do Sul, de agosto, tematizando

Antiguidades Rio-grandenses^{1,2}

August Kunert

Há cerca de 50 anos começou-se aqui e acolá a fazer coleções de utensílios de pedra e de argila até aqui ignorados dos primitivos habitantes desta província, cuja Idade da Pedra persistiu até sua recente expulsão para o Norte. Quando se estuda detidamente certa quantidade de achados, pode-se distinguir duas tribos principais, quais sejam indígenas do campo e da mata, e em terceiro lugar coletores de moluscos da costa litorânea. Tem-se a propensão de situar o período dos coletores de moluscos em época bastante remota, se possível no período dos “Kjökkenmöddings” dinamarqueses e groenlandeses e assim também considerar aqueles “miseráveis coletores de moluscos” como os verdadeiros habitantes primitivos. Essa visão, contudo, até agora não teve apoio plausível, nem mesmo a hipótese de que os indígenas da mata sejam pertencentes a raça distinta dos coletores de moluscos.

Os resíduos deixados por aqueles “coletores de moluscos” constituem-se de grande quantidade de montes de cascas de moluscos mais ou menos desintegrados que se encontram nos pântanos salgados da costa plana do mar, acamadas nas dunas. Entre esses “resíduos da cozinha” foram encontrados ossos humanos, em parte esqueletos bastante completos em postura natural, em parte restos humanos incompletos. Deduz-se do fato que aquelas tribos tenham sepultado seus mortos entre os restos de alimentos. Em todos os casos, nada está a indicar que tenham antes consumido a carne. As urnas, panelas e armas de pedra encontradas em nada se distinguem dos achados da região da mata desta província, pertencentes a período mais recente. É provável que se encontre naqueles sítios os vestígios da população primitiva que permitam chegar-se até o período mais remoto.

O autor analisou especialmente quase todos os locais de achado de antiguidades na área do Cahy e do Forromecco e montou coleção que oferece quadro bastante completo da habilidade daquelas antigas tribos.

Os montes de cacos são frequentemente encontrados; num círculo de ¼ de hora muitas vezes de 50 a 100 acampamentos antigos. É impossível que aqueles montes de cacos tenham surgido ao mesmo tempo. Temos, portanto, resíduos de diversas gerações muito próximas umas das outras. Mesmo assim, em

¹ Título original: Rio grandenser Alterthümer. Publicado nas Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte. Redigirt von Rud. Virchow. Jahrgang 1890. Berlin: Verlag Von A. Asher & Co, 1890, p. 31-37. (inserido na Zeitschrift für Ethnologie, 22. 1890).

² A tradução procurou manter a pontuação, as maiúsculas e minúsculas fora de lugar e os maneirismos da redação de August Kunert. A toponímia original foi mantida sem correções. Tradutor: Martin Norberto Dreher; revisão: Francisco Silva Noelli.

nenhum local é possível distinguir, em decorrência de motivos externos, o velho do novo. Na maioria das vezes, esses montes de cacos são restos dos buracos de queima. Na mata virgem úmida, vasos de argila recém confeccionados só secavam de forma inconsistente e muitos estouravam quando da queima, Disso resultaram os muitos cacos. Junto ao Cahy (Bom fin) encontram-se seguidas vezes tais buracos de queima com resíduos de carvão.

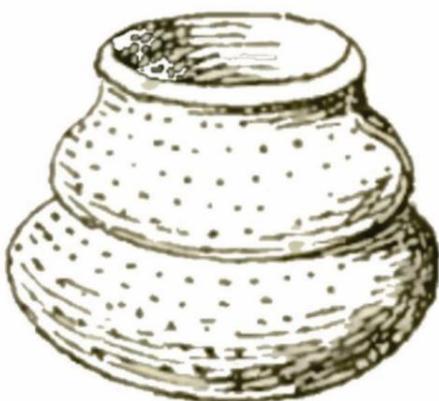
As panelas eram confeccionadas da seguinte maneira (fig. 1). A argila molhada era rodada para se transformar em longas linguixas, estas eram colocadas sinuosamente sobre pedra em formato de cone (b) (princiando pelo cimo), depois as beiradas eram prensadas para se alargarem e sobreporem. Assim que fundo da panela estava pronto era retirado da pedra, virado e o trabalho era continuado a partir de cima. Junto ao Cahy encontrei diversas dessas pedras ao lado de buracos de queima, elas se adaptavam perfeitamente aos cacos que por ali se achavam. Em algumas panelas e em urnas maiores também podem ser encontrados diversos degraus (fig. 2-3).

As urnas e panelas mais antigas foram ornamentadas com profusas impressões das unhas dos dedos (fig. 4), a maioria dos trabalhos recentes são totalmente lisos, sem embelezamento plástico. Trabalhos mais recentes são considerados aqueles que pintados com barro mole e ornamentados com estrias simétricas de argila vermelha (fig. 5).

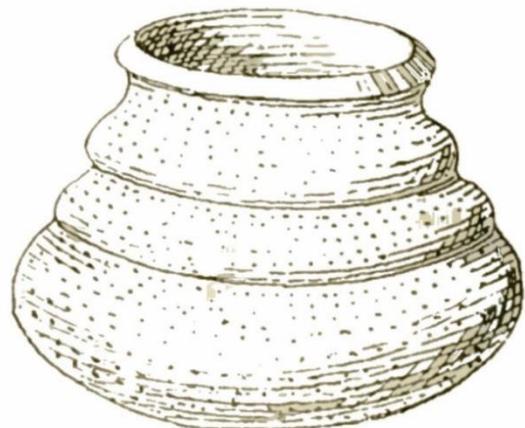
Figur 1.



Figur 2.

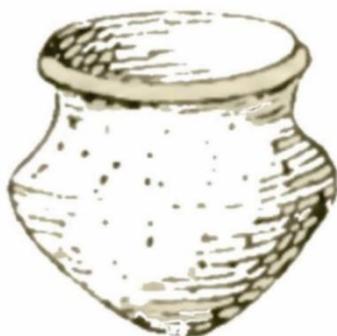


Figur 3.

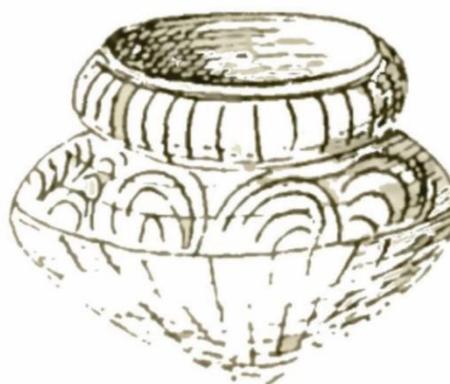


Tais panelas só foram confeccionadas depois que os indígenas viram trabalhos ornamentados de oleiros europeus. Alguns têm fundo plano. A maioria das ornamentações consiste de linhas retas e espirais. Como em sua maioria as panelas tem fundo pontiagudo pouco apropriado para permanecer de pé, a maioria das panelas é encontrada emborcada ou na terra. Em depósitos de cacos muito antigos consegui cacos belamente trabalhados, mas jamais pintados.

Figur 4.



Figur 5.



É extremamente difícil determinar a idade dos achados. É verdade que é praticamente impossível que tais cacos queimados de maneira insuficiente tenham permanecido por séculos no solo, sem que se decompusessem totalmente. Da camada de desagregação das armas de pedra pode-se com maior facilidade tirar uma conclusão, mesmo assim isso não se aplica a todos os casos. O período de formação das camadas de aluvião dificilmente pode ser calculado. Quando a mata virgem ainda estava de pé (portanto à época dos indígenas) as aluviões certamente aconteciam de forma mais lenta e constante do que na atualidade quando as chuvas anuais de inverno levam enormes quantidades de terra solta para os vales, e como todos os achados se encontram nas proximidades de pequenos córregos não nos podemos valer da informação de que se encontrem a dois ou quatro pés de profundidade na terra. Durante anos estudei com interesse e persistência as camadas mais profundas junto às barrancas dos rios e cortes de estradas, mas jamais encontrei neles qualquer vestígio de atividade humana, de modo que cheguei à conclusão: ou o Rio Grande só foi povoado muito tardiamente, e nesse caso não pode haver qualquer esperança de encontrar em outras regiões achados de profundidade, - ou a pesquisa até aqui feita é muito recente para descobrir aqueles resíduos antiquíssimos, em todos os casos muito escassos. Um colono encontrou uma única panela pequena a quatro pés de profundidade em velha camada compacta de argila; como, porém, estava emborcada e também não houvesse sinal de carvão é de se supor que tenha sido esquecida num buraco de queima. Desfez-se em poeira. O vale é estreito e sujeito a frequentes deslizamentos de terra (Santa Clara). O formato da panela era o usual.

Dos locais de achado por mim visitados, os seguintes são os mais dignos de serem mencionados:

Na Linha Franzez próximo à estrada da Serra foram encontradas sob rocha eminente grandes quantidades de cinza. Água jamais a havia tocado. Os colonos que descobriram o local haviam revirado tudo, mas nada haviam encontrado, “a não ser o esqueleto de uma criança”. Eu encontrei ossos tostados e intactos de bugio, alguns pequenos, mas grossos cacos de panela, uma moleta³ fina do tamanho de uma mão (muito gasta), muitos pinhões tostados enrolados em barba de pau, resíduos de espiga de milho de milho torrada, bem como algumas sementes de moranga. Na região até agora não se encontrou cacos ou armas de pedra.

No Morro Diabla foram encontrados em vale lateral, quando da derrubada de gigantesca árvore oca, em seu interior, cerca de 50 a 60 bacias grandes e pequenas (fig. 6) de belo e agradável formato e de cuidadoso trabalho. Quando da queda da árvore a maioria quebrou, de modo que só pude obter três bacias menores. Os machados de pedra, dos quais recebi 12 peças, haviam sido trabalhados com capricho e polidos no fio. Não haviam sido (como acontece comumente) polidos até adquirir o formato, mas haviam sido talhados. Alguns machados muito pequenos devem ter sido utilizados como brinquedo de crianças. Além disso, foram encontrados uma série de cascalhos arredondados e planos (pedras de fiação?), dos quais alguns haviam sido utilizados para bater, o que fica evidente em sua beirada áspera. Na cinza ainda se encontrou quantidade de ágatas queimadas horizontalmente estriadas, as quais podem ter sido utilizadas na confecção de pontas de flechas. Posteriormente me foi presenteada tal ponta de flecha maravilhosamente bem trabalhada (fig. 7). As pontas de flecha mais velhas (fig. 8) são todas elas de ágata ou trabalhadas a partir de uma espécie de arenito vitrificado⁴.

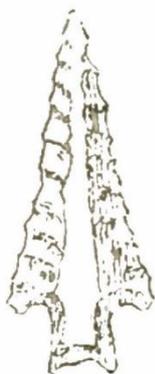


Interesse muito especial foi despertado por dois instrumentos de pedra cilíndricos afiados que me foram entregues por moradores da terra lindeira. Esses instrumentos têm, considerados sua forma e a camada de decomposição os mais evidentes vestígios de idade muito alta, eles não provêm dos indígenas que produziram as bacias bem modeladas, mas com toda certeza já se encontravam há muitos séculos na mata. O primeiro exemplar foi feito de basalto, o segundo de pórfiro vermelho, mas sofreram tanto os efeitos do tempo que a camada superior pode ser facilmente raspada com a unha do dedo. A mesma alta idade tem o fragmento de machado comum o qual foi encontrado no mesmo local no alto do Morro diabla. Ao contrário dos achados mais recentes, contudo, havia sido lapidado.

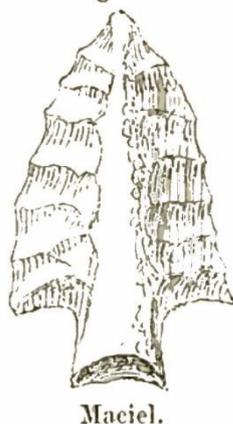
³ Nota revisor: Afiador em canaleta.

⁴ Em todos os casos, no passado quanto hoje os indígenas também se valeram de pontas de flecha feitas de ossos, no entanto são desconhecidos exemplares mais antigos. Alguns indígenas inteligentes fazem para si em nossos dias pontas de flecha de ferro com farpas, mas são tão acomodados que preferem valer-se de pregos velhos, dentes de garfo, pontas quebradas de facas e assemelhados do que adaptar o ferro. Mesmo que para os indígenas seja atraente ter instrumentos de ferro, pouco sabem deles se valer. É verdade que não podem aprender essa arte dos portugueses com os quais atualmente convivem, talvez nem tenham a vontade de fazê-lo.

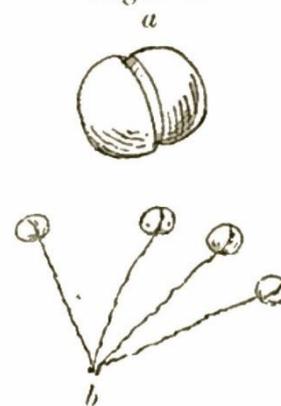
Figur 7.



Figur 8.



Figur 9.



Morro diable.

Também foram encontradas algumas bolas de arremesso (Bola) na mata (fig. 9a). Tais bolas de arremesso que eram afixadas em maior quantidade em cordas (fig.9b), para lançá-las ao redor das patas do animal selvagem são, na mata, a pior arma possível de se imaginar. Creio que tem sua origem em indígenas do campo que foram expulsos para a mata por algum motivo.

3) Uma hora além do local antes descrito também se encontrava acampamento. Ali até agora nada se encontrou que me pudesse ter sido entregue. Quando os primeiros colonos ali penetraram a mata ainda encontraram os fogos de acampamento queimando, velha cabana feita de juncos e grande círculo do zodíaco bastante pisoteado. (Eles designam, o local de bailão dos bugres⁵). Dentro desse círculo haviam estado sentados os assistentes, o que é reconhecível nos afundamentos existentes no solo, e muito provavelmente haviam executado música em flautas de bambu, pois em toda a parte havia dessas flautas. Não havia rasto conduzindo para fora do círculo.

4) No vale do Forromecco (na terra do colono Geiss) foi encontrada urna funerária grande sem adornos com tampa, em sua forma semelhante à fig. 10b. Ao ser aberta, o esqueleto que nele se encontrava em posição de cócoras se desintegrou. Os ossos foram extraviados, eu somente recebi a urna avariada totalmente quebradiça. Ela era tão grande que possivelmente se poderia colocar nela pessoa gorda de cócoras. Após o sepultamento de um cadáver amontoava-se terra ao redor e colocava a tampa por sobre. Em tais urnas, (tanto quanto sei), não se encontrou até agora armas. Alguns, contudo, afirmam, haver encontrado aí pedras menores de adorno e chapinhas de prata.

Figur 10.



⁵ Nota do revisor: "Buger-Tanzplatz" poderia ser traduzido mais formalmente como "local" ou "praça" de dança dos bugres. Kunert denominou este "grande" espaço circular "bastante pisoteado" como Kreislaufspur (Círculo do Zodíaco), sendo o único a descrever os aterros anelares que estão sendo objeto de pesquisa arqueológica na última década.

5) De Lomba grande, próximo a São Leopoldo, recebi urna decorada com tampa (fig.10) e restos de esqueleto. Conforme me foi relatado, os ossos encontravam-se misturados na urna, a cabeça, porém, surpreendentemente, encontrava-se depositada em bacia especial (da qual recebi fragmentos), deitada sobre os ossos. Até agora se afirmava que os bugres cortavam seus mortos, para depositar os pedaços na urna. Depois que os senhores von den Steinen tornaram conhecido que os indígenas do Xingu deixam as formigas esquelatar o cadáver, antes que os ossos sejam depositados nas urnas, parece que também aqui o enigma está resolvido.

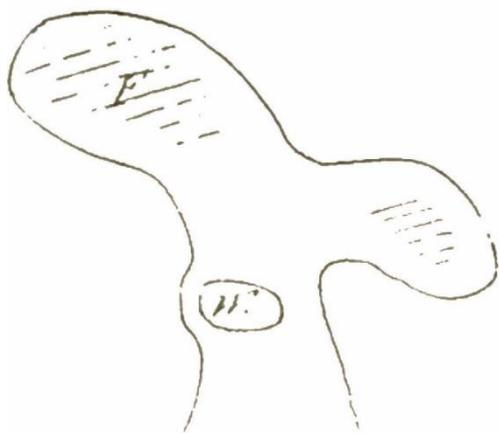
Procurei adquirir outra urna de Petrópolis e ofereci ao que a achou preço considerável. O homem desenterrou-a, mas como dormisse mal na noite seguinte, depositou a urna e o esqueleto em seu antigo lugar. – De modo semelhante também pensou aquela velha senhora que não me queria vender machadinha de pedra por estar firmemente convicta de que se tratava de “cunha de trovão”⁶ que deveria ser colocado sobre o barro do telhado para que o raio não caísse sobre o mesmo. – Mais inacreditável pode soar o fato de pessoa adulta me haver perguntado: “dessas coisas também se pode fazer medicamento?” E tais heróis iluminados ainda frequentaram ao todo cinco anos a escola na Alemanha. E quando tais pessoas veem minhas coleções de cobras, lagartos, sapos, besouros, borboletas, pássaros empalhados, machadinhas de pedras, painéis de indígenas, etc. perguntam interessadas “para que medicamento essas coisas são utilizadas”, mas não querem ouvir explicação, afirmando sabichões: “ele não nos quer revelar o segredo!”.

6) Importância etnológica tem a caverna da Forqueta. Os senhores Von den Steinen queriam (segundo nota de jornal) explorá-la quando de sua estada nesta província. Quis participar com eles, mas fiquei sabendo que os senhores fizeram outro tour. Isso deve ser lamentado, pois dentre todos locais visitados por estes senhores nesta província esta caverna teria sido a primeira a merecer ser visitada por pesquisadores versados.

É verdade que muitos turistas, sociedades bailantes e cervejeiras já ali estiveram, muitos Antônio, Ignácios, Manoéis ali gravaram seus nomes, mesmo assim verifiquei pessoalmente que ainda não foram feitas escavações. A caverna foi descoberta há cerca de 30 anos pelo atual morador da terra (Pires), quando realizava caçada. Perseguiu pequena vara de porcos selvagens (peccari?) que se enfiaram em buraco rochoso e desapareceram. Segundo palavra do homem a abertura caverna era então tão pequena que uma pessoa só conseguia penetrar com grande dificuldade. A entrada da caverna foi ampliada e o homem utilizou os blocos arrancados para deles talhar pedras de moinho. Mas, como bons preguiçosos deixaram as pedras largadas por ali mesmo. A caverna (fig. 11) tem 66 pés de profundidade na rocha de arenito e tem à direita uma

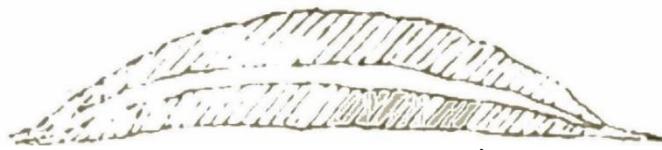
⁶ Nota do tradutor: “Donnerkeil”.

Figur 11.



F Feuerplatz W Wasser.

Figur 12.



câmara lateral. Tem de 6 a 10 pés de altura. À luz das tochas de gordura que havíamos levado encontramos nas duas câmaras principais enormes monte de cinza antiga. A cinza já não contém pedacinhos de carvão, mas consiste de pó de cinza prensada de um pé de profundidade. No entremeio há camadas largas de cinza branca e sob elas camada de areia de

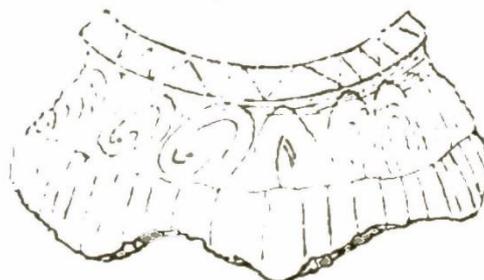
3 cm de espessura. Sob essa camada de areia que encontramos nos dois fogos (Feuerplatz) havia novamente camada de cinza mais antiga (fig. 12). Teria sido necessário trabalho cansativo demais dias realizar escavação meticulosa; meus companheiros de trabalho, porém, tinham muita pressa para voltar ao caneco de cerveja e nada mais me restou que consolar-me, pensando em exame futuro. Nada encontramos. Sobras de ossos devem ter sido consumidos pelos porcos do mato.

Em rocha de arenito abaixo da caverna haviam sido gravadas linhas onduladas que tinham semelhança desesperada com um W e um N. O proprietário, contudo, afirmou que esses sinais já se encontravam na rocha quando da derrubada da mata.

7) Em dezembro de 1888 encontrei na Picada Feliz, (na terra do colono Fleck), antigo acampamento ainda intocado. O solo estava coberto por cinza de um pé de profundidade, carvão vegetal e cacos. Por sobre havia cacos de panela pintados de branco e bem curvados, com figuras vermelhas (fig. 13). Cacos sem pintura, canelados foram encontrados em grande quantidade mais ao fundo, bem como alguns cascalhos do Cahy. Provavelmente terão sido utilizados para alisar a parte interna das panelas. Entre os fragmentos de ossos, encontramos: queixada de anta (tapir) bem como ossos da parte inferior da coxa, muito quebradiços, queixada de gambá, bem como ossos de cânula de veado que haviam sido partidos ao meio para retirada do tutano. Encontramos grande quantidade de ostras do Cahy, casas de lesma queimadas. Grande espanto causou o fragmento de grande concha marinha que encontrei na cinza. Também cavei algumas conchas marinhas pequenas como as que se encontra no sal marinho.

Já anteriormente, colonos me haviam trazido conchas marinhas, das quais diziam tê-las encontrado na mata; eu, porém, pensava que haviam sido trazidas por europeus e perdidas. Tanto maior foi minha estupefação ao encontrar eu próprio a comprovação de que os indígenas da mata daqui visitaram a costa marítima ou que inclusive tivessem tido

Figur 13.



outrora ali sua morada. Além disso nos deparamos com: moletas de arenito com sulcos profundos, lascas de ágata, uma cunha de pedra, uma faca de pedra de basalto.



No Rio Grande do Sul só existem ainda restos miseráveis dos antigos indígenas. Algumas pequenas tribos residem na fronteira norte próximo a Noudhay⁷ e na mata da assim chamada Vaccaria. No passado sacerdote português ocupou-se com essas pessoas; quando, porém, o governo do Estado não mais lhe pagou o salário (deve ter ficado nas mãos dos funcionários), nada mais restou ao homem que abandonar os indígenas. O fato de esses indígenas serem inteligentes e capazes de cultura foi comprovado pelo antigo “Estado Jesuíta”, no Paraguai. Na mata virgem desta província, no oeste, encontram-se ainda hoje as ruínas de impressionantes construções, como sinais de antiga civilização que poderia ter vindo a se tornar grande bênção para os habitantes originais da América, caso não tivessem sido incompreensivelmente destruídas por políticos fanáticos. Tirou-se aos jesuítas os frutos de seu trabalho e “libertou-se” os indígenas de suas mãos para tirar-lhes a terra sem qualquer indenização, entregando-os às balas de homens brutos. É verdade que as leis do Estado protegem esses seres humanos, mas não há advogado que represente seus direitos. Um pedaço de mata após o outro é medido pelo governo e vendido a colonos, aos quais nem sequer se concede proteção militar, ficando eles próprios responsáveis por se defenderem da vingança daqueles “selvagens” enxotados e injuriados. Trata-se de negócio rentável anexar (roubar) terra e vendê-la a outros. É verdade que no papel estão estabelecidas “indenizações”, e aqui e ali, realmente, podem ter sido doadas algumas calças, camisas e facas aos indígenas, também se formula discursos humanos em prol dos “bugres”, mas – ao mesmo tempo os roubos seguem, valentemente. – Os indígenas que residem nas proximidades de brancos não são assimilados; mesmo que sejam pessoas fortes como gigantes não conseguem acostumar-se a trabalho constante; aqui e ali se empregam como vaqueiros, mas são muito desconfiados em relação a brancos em consequência de experiências negativas. Negociantes de gado me contaram que cerca de 1/3 dessas pessoas foram “batizadas”, que conhecem Santo Antônio e Inácio, mas que no mais desconhecem qualquer conceito religioso. Dois terços ainda são pagãos.

⁷ Como Kunert enviou seu texto manuscrito, o impressor deve ter lido Noudhay ao invés de Nonohay.

As tribos que aqui residiam há 50 anos não foram dizimadas, mas recuaram para a Província Matto Grosso, mas as sangrentas batalhas que ali terão sido travadas entre as tribos que inundavam a região, certamente, não nos serão relatadas.

Recebido em:17/04/2016
Aprovado em:14/05/2016
Publicado em:22/06/2016